



O DESENVOLVIMENTO ÉTICO DOS MILITARES: UMA RESPONSABILIDADE DE TODOS OS ENVOLVIDOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

*“Se tens um coração de ferro, bom proveito.
O meu, fizeram-no de carne, e sangra todo dia”.*

José Saramago

*Capitão-de-Mar-e-Guerra (RM1-FN)
Paulo Roberto Ribeiro da Silva¹*

INTRODUÇÃO

A ética nos parece um assunto distante, coisa de filósofo e de intelectuais teóricos. Assunto árido e complexo, extremamente subjetivo. Toda essa percepção começa a mudar quando a nossa zona de conforto se

vê invadida por excessos, violência e irracionalidades.

Como preparar pessoas para operarem em ambientes contraditórios de forma que procedam uniformemente de maneira moral e ética? Como um pacato chefe de família, bom pai e marido, preocupado com a

¹ Doutor em Ciências Navais pela Escola de Guerra Naval.

violência que permeia a sociedade e dia após dia vem invadindo sua casa e contaminando seus entes queridos, de repente, ao vestir uma farda e se tornar agente da violência delegada pelo Estado, é capaz de se envolver com tudo aquilo que condena e deseja apartar de seu lar?

Existe algum esquema pedagógico que poderia nos apontar um caminho para “blindar” pessoas a conviver nesse maniqueísmo rotineiro e perverso sem permitir que sejam arrastadas para uma síndrome incapacitante e possivelmente permanente? Caso exista, em que momento poderíamos atuar de maneira a alcançar resultados efetivos? E como deveríamos fazer?

O LEGADO QUE RECEBEMOS

Todas essas dúvidas que hoje nos assolam, sempre inquietaram o Ser Humano desde os primórdios da humanidade. Vários caminhos e atalhos já foram apontados para solucioná-las, entretanto, os resultados práticos ainda não foram claramente percebidos. Há milhares de anos, inúmeros filósofos, pensadores e algumas pessoas especiais envolveram-se com essas questões e propuseram modos de pensar e agir que criassem condições para o florescimento de comportamentos virtuosos e, conseqüentemente, de relacionamentos saudáveis e felizes.

Algumas dessas escolas de pensamento, principalmente aquelas que se apoiaram na tríade Sócrates, Platão e Aristóteles, impactaram de forma tão marcante o pensamento filosófico, que até o advento da modernidade elas se impuseram quase como uma verdade absoluta imune a qualquer contestação.

Após o advento da ética grega, especificamente na sua visão aristotélica, segundo a qual havia o predomínio do hábito como formador e consolidador das virtudes, valorizando o Homem, educador ético e responsável pela “matéria-prima” constituinte da “polis”, surge um novo entendimento da ética com Santo Agostinho de Hipona, nem tanto desprezando a herança helênica, porém apoiando-se nela (Platão) e reavaliando-a, subordinando o Homem aos desígnios divino e, assim, estabelecendo um novo quadro de referências daquilo que seria certo ou errado, bom ou mau e ético ou não ético.

Ainda no período das trevas (Idade Média), e quase um milênio após Agostinho, desponta São Tomás de Aquino, que aprofunda ainda mais a visão espiritual agostiniana, estabelecendo a ética tomista, resgatando

a ética aristotélica e buscando no sagrado as justificativas das ações humanas, notadamente do movimento das cruzadas, que intentavam reconquistar a terra santa dos “infiéis” muçulmanos que a profanavam.

Somente com a chegada da idade moderna é que podemos testemunhar o advento de uma “rebeldia” contra a ética grega, quando Kant privilegiou a razão como referencial absoluto, afirmando que a ética tendia à universalidade e, portanto, era detentora de imperativos categóricos válidos em qualquer época, lugar ou circunstância. Esta forma de pensamento desfocava o mérito do exemplo e dos bons hábitos como condição essencial para o desenvolvimento do caráter, assim como secularizava o referencial ético, valorizando a razão e aproximando o Homem real do ideal.

A ética moderna surgiu desvirtuando o conteúdo profundamente humanista da ética kantiana, tornando-se, em seus diversos matizes, uma ética baseada cada vez mais numa compreensão racionalista, objetivista, instrumental e utilitarista do Ser humano e de seu comportamento.

Frente à crise da modernidade, despontou a ética pós-moderna, buscando uma compreensão “revolucionária” do Ser humano e de seu comportamento. Dentre elas destacamos a ética da Restauração e a do Nihilismo, que se fundam numa compreensão crítica da “modernidade”; e a ética do Neoaristotelismo, do Personalismo, dos Direitos Humanos e do Marxismo humanista, que mantêm firme o ponto de vista da modernidade, todavia desdobrando as potencialidades atrofiadas da razão.

A BUSCA DE UM CAMINHO

A par da existência de várias formas de entender a ética e tentar torná-la de fácil e prática aplicação na avaliação do comportamento consciente do Ser humano, a verdade é que existe uma grande diferença entre conhecer a ética e tornar-se ético. O conhecimento somente aciona a nossa cognição, o que não é suficiente para uma internalização dos valores e princípios, pois, se estacionarmos neste patamar, estaremos apenas nos intelectualizando. É incontestável que o academicismo não torna o Ser humano imune à regressão aos seus mais baixos instintos, como testemunhamos nas barbaridades cometidas em todas as guerras, notadamente nas do século XX e XXI. Julgo oportuno citarmos um trecho de um discurso proferido por um Diretor de uma escola secundária nos EUA, por ocasião da abertura do ano letivo:

“Eu sou um sobrevivente de um campo de concentração. Os meus olhos viram coisas de que nenhum homem deveria ter testemunhado: câmaras de gás construídas por engenheiros qualificados, crianças envenenadas por médicos de profissão, crianças de tenra idade mortas por enfermeiras diplomadas, crianças e mulheres queimadas e assassinadas por indivíduos com estudos secundários ou universitários. Eis porque eu desconfio da educação. O que espero de vós: que ajudeis os vossos alunos a tornarem-se verdadeiros seres humanos. Os vossos esforços não deverão jamais levar a produzir monstros diplomados, psicopatas instruídos ou Eichmans educados. A leitura, a escrita, a aritmética não têm qualquer importância se não servirem para tornar as nossas crianças mais humanas”.

(Texto encontrado após a Segunda Guerra Mundial, em um campo de concentração nazista)

Para se tornar ético, então, é mandatória uma mudança de atitude; entretanto, para que isto ocorra, se faz necessário percorrer três estágios: Cognitivo, Emotivo e Volitivo. Para alcançarmos o estágio cognitivo, é somente preciso aprender, como vimos anteriormente, porém, isto não é suficiente para que a pessoa passe a vivenciar comportamentos morais.

Caso desejemos chegar ao estágio emotivo – que é um grande passo no caminho da mudança de atitude –, temos que interagir e nos envolver com as pessoas, e ninguém se envolve sem sentimentos. Não podemos nos esquecer de que as pessoas não passam de um punhado de sentimentos envolto em carne por todos os lados. Adam Smith (2002) afirmava que não existindo sentimentos seria impossível interagir e se comunicar:

“Mas se não tens nenhuma solidariedade para com o meu infortúnio, ou nenhuma que seja proporcional à dor que me assola; ou se não sentes nenhuma indignação pelas ofensas que sofri, ou nada que seja proporcional com o ressentimento que me arrebatou, já não poderemos conversar sobre esses temas. Tornamo-nos insuportáveis um ao outro. Não posso tolerar tua companhia, nem tu a minha. Ficarás

confuso ante minha violência e paixão, e eu, irado com tua fria insensibilidade e falta de sentimento” (grifos nossos)

Como interagir e envolver uma pessoa? Somente fazendo-a vivenciar a situação. Mas, qual é a melhor maneira de uma pessoa vivenciar uma situação? Tornando-a empática, ou seja, fazendo-a se colocar no lugar dos outros, a fim de tentar perceber, compreender e, finalmente, “ser” o outro. Como somos capazes de fazer uma pessoa se colocar no lugar dos outros? Infelizmente, não somos! Podemos, sim, criar as condições, o “clima” para que isto possa acontecer, entretanto, é fundamental como pré-condição que a própria pessoa tenha autoconhecimento, controle de suas emoções e automotivação. Todas estas três dimensões compõem a área intrapessoal da Inteligência Emocional. Hermann Hesse dizia:

“Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo. Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso, é tudo”.

Rousseau (1979: 313) já afirmava no século XVIII:

“Sentimos antes de conhecermos [...]. Os atos da consciência não são julgamentos e sim sentimentos. Embora todas as nossas ideias nos venham de fora, os sentimentos que as apreciam estão dentro de nós e é unicamente por eles que conhecemos a conveniência ou a inconveniência que existe entre nós e as coisas que devemos respeitar ou evitar”. (grifo nosso)

Estando de posse das dimensões da área intrapessoal, temos condições de sermos empáticos, isto é: estaremos em condições de nos envolvermos, nos emocionarmos, e só dependeremos da nossa própria vontade (Volitivo) para que possamos mudar de atitude.

Assim, para que possamos formar verdadeiras PESSOAS (indivíduos, racionais e livres) éticas e sensíveis aos Direitos Humanos e, também cônscias dos Deveres Humanos, é fundamental que elas tenham Alto nível de Inteligência Emocional e conseqüentemente elevada MATUREZA, e nós cremos que isto poderá ser alcançado desde que haja envolvimento de TODOS os que participam no processo de formação dessas pessoas. O educador não é um provedor de conhecimentos,

mas alguém capaz de despertar o espírito do “aluno”, para que ele consiga por si próprio “iluminar” sua inteligência e sua consciência. Com relação ao educador, Aristóteles dizia:

“É necessário adquirir a capacidade de conduzir-se, de se autodominar, como pré-requisito para conduzir os demais; pois livre é o Homem que não se deixa escravizar pelos apetites e segue os princípios que, por intermédio da educação afloram de seu interior”.

Será que fomentar um debate aberto, franco e sincero sobre temas polêmicos cotidianos não estabeleceria uma relativa imunidade à virulência decorrente do contágio com a violência e suas consequências malévolas sobre os valores éticos e morais dos indivíduos? Segundo Aristóteles, a razão das falhas das metodologias argumentativas e baseadas na discussão de dilemas morais é que elas não são precedidas e acompanhadas de hábitos moralmente adequados.

Não seria leviano nos envolvermos neste empreendimento – tornar as pessoas éticas – sem ter uma clara convicção da possibilidade concreta de sucesso? Não será uma aventura/uma quimera crermos no sucesso daquilo que a humanidade persegue há milênios com resultados medíocres e até mesmo questionáveis? Caso seja exequível, não existe um momento propício e mais apropriado para “moldarmos” o caráter das pessoas? Caso tenhamos perdido essa oportunidade, ainda haverá condições efetivas de “manusearmos” e “retocarmos” aquele caráter deficiente?

As academias militares já não recebem seus Aspirantes/Cadetes com o caráter “formatado” pelo ambiente externo (família, escolas, comunidades etc.) e muitas das vezes repleto de distorções já calcificadas? O que estamos fazendo? O que então deveríamos fazer para aperfeiçoar nossos resultados? Por que os militares se preocupam em demasia com a retidão de suas ações? Será que nos julgamos melhores, ou somos simplesmente diferentes pelas exigências da nossa missão?

O ingresso nas instituições militares normalmente se dá a partir de 16 anos, caso o acesso se dê pelo Colégio Naval, Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EP-CAR) e pela “saudosa” (a meu ver) EsPCEX de 3 (três) anos. Neste momento a formação do caráter ainda não está pronta com suas características perfeitamente consolidadas, conforme asseveram Piaget e Kohlberg? Como então deveremos proceder para tentar ajustar e

até mesmo reprogramar esse caráter imberbe, para que apresente um comportamento ético e moral conveniente? Será que não deveríamos nos comprometer ainda mais com a sociedade, visando estimular o aperfeiçoamento dos cidadãos de uma forma geral, haja vista que esta é a “matéria-prima” disponível para todos? Seria o ideal! No entanto, isto é uma meta muito ousada, pois está fora do alcance do decisor (FFAA). Os questionamentos estão postos! O primeiro passo, talvez, deva ser repensar como estamos fazendo o “dever de casa”.

Eu creio que o sucesso é possível, pois crer é querer crer, e tudo é possível àquele que crê. Não será uma tarefa fácil, nós sabemos. Inúmeras personalidades nos antecederam, dedicaram suas vidas nessa missão de tornar as pessoas melhores, contribuíram para um mundo melhor, mais justo e solidário, e os resultados ainda não são percebidos nitidamente; pelo contrário, a cada dia tudo parece degradar-se. Com uma agravante: nesta sociedade Contemporânea em que vivemos, descobriu-se que é possível se utilizar da ética para parecer e não ser o que deveríamos de fato ser. Hoje não só as pessoas, mas muitas das instituições procuram ser politicamente convenientes ao viverem de aparência, iludindo-nos.

Nas escolas militares, praticamos a ética aristotélica, que afirma que a virtude moral é um estado habitual que retifica a intenção, é um hábito de fazer as coisas retas. Segundo o estagirita, a educação ética ajuda o crescimento porque é mais uma questão de desenvolvimento de hábitos corretos do agir do que do ensino de questões intelectuais, é mais uma questão de prática do que de ensino e é mais um problema de sentimentos do que de raciocínio, embora o domínio da razão esteja sempre presente como processo de domesticação das paixões. A 1ª Ministra britânica Margareth Thatcher já dizia:

“...os pensamentos levam às palavras, estas às ações, que por sua vez criam **hábitos**, que **consolidam** o **caráter** e traçam o nosso destino”. (grifos nossos)

A liderança Militar possui a ética em sua gênese. “Liderança é o caráter em ação”, afirma James Hunter; logo, a Ética pressupõe uma boa formação de caráter, entretanto, a modelagem do caráter se dá de maneira decisiva na infância, quando alcança sua maior eficiência; estende-se pela adolescência/juventude, quando se cristaliza; e sofre apenas pequenos ajustes na fase adulta. Para Aristóteles, os argumentos éticos só são

eficazes nas pessoas que nascem com um bom caráter. Embora o brilhante filósofo destacasse o papel extremamente importante da natureza para o desenvolvimento do caráter, a verdade é que o hábito não pode ser negligenciado. O hábito constitui uma autêntica segunda natureza que, uma vez fixada, é quase impossível alterar: “*Somos o que repetidamente fazemos. A excelência, portanto, não é um feito, mas um hábito*”. (Aristóteles)

Piaget e Kohlberg afirmaram que o desenvolvimento moral se dá por estágios e evolui até os 20-22 anos, quando alcança o estágio de operações formais. A partir desse período, praticamente ocorre uma estabilidade durante toda a vida adulta. Segundo outros estudiosos, a cognição adulta “conhece” outro tipo de operações para além das operações formais: as operações pós-formais. Nesse momento se desenvolve o pensamento dialético, a partir do qual ocorre a exploração das contradições e discrepâncias entre o geral e o particular e que é visto como uma oportunidade para o desenvolvimento pessoal. Mezirow estatui que nessa oportunidade acontece a aprendizagem transformativa:

“...não se trata de novos conhecimentos que são “adicionados” aos já existentes, mas sim de transformação de esquemas de sentido, construindo assim uma nova perspectiva que permitirá uma outra visão da realidade.” (grifos nossos)

Portanto, torna-se necessário rever alguns pressupostos aceitos de forma não crítica de que a vida adulta corresponde a uma fase de estabilidade, tendo sido todo o desenvolvimento do indivíduo foi efetuado durante a infância e adolescência. Logo, podemos concluir que o processo de maturação (evolução moral) não é um processo estático, mas sim dinâmico, de constante construção, autoatualização: um processo contínuo de se tornar plenamente funcional.

Existe uma esperança, temos uma oportunidade – ainda há tempo e sempre haverá – para contribuímos para o aperfeiçoamento do caráter das pessoas, independentemente da idade. Só depende de nós! Aristóteles, ao ser questionado sobre quem deveria ser responsável pela educação ética, e se seria um empreendimento dos pais para com os filhos, ou do Estado para com os cidadãos, respondeu que era um empreendimento de TODOS, embora, nesta matéria, afirmou que o Estado tenha mais poder, através das leis que aprova, de im-

por o respeito pelo Bem.

Sendo assim, a melhor maneira de educar o caráter de uma pessoa é subordiná-la desde cedo a preferir as virtudes e a recusar tudo aquilo que é vil. Para aquele renomado filósofo, o ensino da coragem, bem como de outras virtudes morais, exige a prática continuada de atos de coragem, de tal forma que essa virtude seja incorporada nos nossos hábitos. A educação ética é ajudar a cultivar nas pessoas traços que os ajudem a florescer como adultos capazes de viverem bem e de realizarem vidas felizes. Em suma é mais uma questão de prática do que de ensino:

“...nos tornamos justos executando atos justos e acabamos, com o tempo, encontrando satisfação praticando boas ações. É por meio de um exercício constante de condutas apropriadas (virtude) que o “logos” (razão/palavra) se exprime corretamente. E é na prática desse exercício – vida ética – que os homens podem construir instituições e costumes que permitam a boa vida compartilhada”. (Aristóteles)

É inegável que os responsáveis pela formação dos jovens têm a obrigação de apresentar comportamentos éticos de modo a estabelecer um hábito nos educandos pelo exemplo. Nada é tão destrutivo como a ausência de modelos, ou pior, como a existência de modelos deformados que “gritam” palavras contraditórias nos ouvidos dos nossos adolescentes/jovens:

“...mesmo as pessoas que não possuem integridade e sinceridade ficam impressionadas e não podem deixar de sentir respeito por essas qualidades, pois elas despertam neles a imagem daquilo que elas poderiam ter sido ou poderiam talvez vir a ser. o caráter é a base de toda a realização humana”. (Melanie Klein) (grifo nosso)

Outro aspecto inalienável na busca desse preparo ético e moral são as práticas de reforço e desestímulo de comportamentos, que deveriam ser a norma em um ambiente de formação. Estas práticas devem sempre remeter aos princípios e valores das próprias instituições, com o propósito de consolidá-los. Nada é tão nocivo quanto a falta de referências claras e objetivas. As críticas sérias às instituições devem se pautar por um quadro de princípios e valores pelos quais possam

ser avaliados, e ao referenciá-los acabam por permitir sua internalização em todas as pessoas envolvidas no processo. As características e a essência da profissão militar devem ser enfatizadas com veemência, a fim de estabelecer nitidamente as tarefas e os limites envolvidos em suas execuções:

“...o princípio do aprendizado seria a **IMITAÇÃO.**” (Aristóteles) (grifo nosso)

A ética tende à universalidade, porém não está, nem poderia estar, divorciada de orientações práticas que conduzam a comportamentos apropriados e igualmente esperados. Não se resume, portanto, a intelectualismos e elucubrações inócuas e estéreis. Saramago diz:

“Tentei não fazer nada na vida que envergonhasse a criança que fui.”

Alinhando-se a Saramago, vemos Albert Einstein afirmando:

“Viva de tal maneira que, quando teus filhos pensarem em justiça, carinho e integridade, pensem em ti.” (grifos nossos)

É importante afirmar que o saber é capaz não só de fazer conhecer, mas de corrigir o ser, tem a força de uma medicina universal, como dizia Aristóteles. Em síntese não há ponto de saturação em educação. Todo esse poder curativo e balsâmico do saber deve ser usado para o bem e para o engrandecimento das pessoas, daí a essencialidade de mestres exemplares de modo a poder moldar convenientemente o “barro ainda mole”, que são os nossos jovens: “...o que muitos não sabem é que confiança e coerência são irmãs gêmeas. É impossível construir confiança quando o ensino não é validado pelas ações.” (Josué Gonçalves) (grifos nossos)

Evidentemente não temos a pretensão de alcançar o ideal, a perfeição humana, a educação total (aretê), pois ela é sempre uma fórmula de eterna procura, tal como a justiça e a democracia, objetos de desejo jamais alcançáveis como resultado absolutamente conclusivo ou terminativo.

Atualmente é muito frequente criticar o passado como sendo ultrapassado e não tendo nada a nos ensinar. Muitos afirmam que o hoje é tudo, restando ao ontem a pecha de ser um repositório de erros e equívocos. Isto não é verdade! As novas gerações têm por hábito condenar suas antecessoras. Nós somos testemunhos desse modo de agir. Nosso comportamento não era similar com relação aos nossos pais e professores? O tempo passou, amadurecemos

e mudamos de opinião. Isto é um processo cíclico. Quanto mais o tempo passa, mais nos parecemos com nossos pais, a quem criticávamos. Antigos modos de pensar devem ser reavaliados. Soluções tradicionais, que normalmente exigem esforço e abnegação, foram precocemente abandonadas e substituídas por modismos facilmente vendáveis e indolores, que dominam as mentes contemporâneas contaminadas pelo hedonismo, consumismo, materialismo, imediatismo e relativismo.

Alinhando-se com essa forma de pensamento e com a revalorização de um passado “iluminado” e útil, encontramos, dentre outros, Alasdair Macintyre, um filósofo neoaristotélico e neotomista, que faz uma releitura desses ícones da filosofia e contextualiza suas éticas à sociedade contemporânea sem, contudo, se preocupar em ser retrógrado ou saudosista. O eminente filósofo nos atesta que os desejos e as emoções devem ser educados pelos preceitos morais e pelo cultivo de hábitos de ação prescritos pelo estudo da ética. Ele afirma, ainda, que atualmente nossa consciência moral é arbitrária e confusa e isso é uma demonstração de nossa decadência. Como consequência, surgem o pluralismo e o individualismo, nos quais há um uso emotivista da linguagem e dos conceitos morais. Macintyre escolhe a ética aristotélica das virtudes, no interior da problemática contemporânea, para retomá-la à luz de uma tradição de pesquisa racional, histórica e atrelada a um viés cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ética é delicada e exige, por isso, o trato de mentes delicadas também. A ética não nos aponta caminhos. É uma noção vaga em si mesma e, justamente por ser vaga, oferece-se como instrumento precioso para pensar algumas das mais importantes questões humanas (Quais são as melhores escolhas dentre todas as opções disponíveis?). O fundamental é que o debate ético ocorra sobre um pano de fundo que já pressupõe a ideia de “respeito ao outro”, de liberdade e de racionalidade responsável para que as decisões adotadas sejam humanizadas e contribuam para o engrandecimento do convívio em sociedade.

O essencial não é aprender ética e conhecê-la em todos os seus gêneros e vertentes, mas assimilá-la e vivenciá-la em nosso viver, tornando-nos mais perceptíveis e sensíveis ao nosso semelhante e ao contexto em que vivemos.

Quando nos sensibilizamos e ficamos expostos ao social, ao coletivo, somos assolados por uma avalanche de perplexidades que passam a nos incomodar, tirando-nos de nossa zona de conforto. Essas dúvidas, antes inexistentes, agora “gritam” por respostas que normalmente não temos, mas que devem ser buscadas para que possamos ter paz e realização pessoal.

Aristóteles já nos falava há milênios e Macintyre volta a nos falar atualmente sobre a importância e relevância dos bons hábitos, em suma, dos bons exemplos, para a formação do caráter das pessoas. Isto parecia estar esquecido e renasce oportunamente para resgatar valores e princípios que haviam sido prematuramente esquecidos por conta de modismos contemporâneos.

Muitos afirmavam que a maturidade e o desenvolvimento moral evoluíam até a juventude, estabilizando posteriormente; entretanto, isto já está desmistificado, e hoje sabemos que o Ser Humano se desenvolve a vida toda, até mesmo na idade adulta, nos dando ainda, e sempre, esperança em aperfeiçoá-lo e transformá-lo para melhor.

É incontestável que as pessoas precisam de modelos como referência de comportamentos saudáveis e moralmente corretos. Este processo de interação entre tutor e aprendiz opera basicamente por imitação, o que destaca a importância na seleção desses modelos como verdadeiros construtores de caráter.

“Não procure ser um homem com êxito, e sim um homem com valores.”

Albert Einstein

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BRASIL. Estado Maior da Armada. EMA-137. Doutrina de Liderança da Marinha. Brasília: EMA, 2004.

CELAM. Conselho Episcopal Latino Americano. CELAM N° 255. Manual de Ética para as Forças Militares e de Polícia. Bogotá, 1999.

FROST JR., S. E. *Ensinos Básicos dos Grandes Filósofos*. São Paulo, Cultrix, 1958.

HESSE, Hermann. *O Lobo da Estepe*. Ivo Barroso (trad.). Rio de Janeiro: Record, 2010.

HUNTER, James C. *O Monge e o Executivo*. São Paulo, Sextante, 2004.

KANT, I. *Crítica da Razão Prática*. Valério Rohden (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MACINTYRE, Alasdair. *After Virtue: A Study in Moral Theory*. London: Duckworth 2nd edition with postscript: Notre Dame, University of Notre Dame Press, 1984.

PLATÃO. *A República*. Albertino Pinheiro (trad.). 4ª Ed. São Paulo: Atena, 1950.

PORTUGAL. Academia Militar. M-311 – Ética e Liderança. Uma Reflexão sobre a Ética Ocidental. Lisboa, 2003.

ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou Da Educação*, 3ª ed. São Paulo, SP/Rio de Janeiro, RJ-. Difel: 1979.

SMITH, A. *The Theory of Moral Sentiments* / edited by D. D. Raphael and A. L. Macfie. Oxford: Clarendon Press, 1976. Teoria dos Sentimentos Morais. Trad. Lya Luft. Revisão Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *El ente y La esencia*. 6ª Ed. Buenos Aires: Aguilar, 1970.

<http://www.citador.pt/>